

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E OS ESTUDOS DE CULTURA MATERIAL

Camilla Agostini

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro - RJ. Brasil.

E-mail: camilla.rio.br@gmail.com

https://orcid.org/0000-0002-5104-8819

Enrico Baggio

Graduando em Arqueologia

Departamento de Arqueologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ, Brasil

E-mail: dalmasenrico@gmail.com

https://orcid.org/0000-0002-6029-3680

RESUMO

A Arqueologia cresce em possibilidades na interface com os Estudos de Cultura Material, particularmente ao se aproximar dos tempos mais recentes. O processo de construção de narrativas a partir das coisas é um domínio que pode ser aprofundado, do ponto de vista das linguagens, bem como do seu papel no processo de produção do conhecimento. O estudo tanto da construção de narrativas, quanto a aproximação aos Estudos de Cultura Material se mostram terreno fértil para pesquisadores, bem como campo em experimentações para estudantes de graduação. Nesse artigo desenvolvemos o potencial de exercícios de construção de narrativas a partir de práticas interdisciplinares com estudantes de graduação, especialmente em atenção a relação das coisas com as pessoas e os espaços. É apresentada também uma breve reflexão sobre a aproximação da arqueologia com a literatura. Nesse caso, trazemos para a cena Howard Philips Lovecraft e sua literatura Fantástica de Horror, observando como ela conversa e nos faz pensar sobre os estudos das coisas do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; Estudos de Cultura Material; Construção de Narrativas; Educação; Literatura.

Artigo recebido em: 13/07/2021

Artigo aceito em: 28/08/2021



ABSTRACT

Archaeology grows in possibilities at the interface with Material Culture Studies, particularly as it approaches more recent times. The process of constructing narratives from things is a domain that can be deepened, from the point of view of languages, as well as its role in the process of knowledge production. The study of both the construction of narratives and the approach to Material Culture Studies are a promising field for researchers, as well as a field of experimentation for undergraduate students. In this article we develop the potential of narrative construction exercises from interdisciplinary practices with undergraduate students, especially in attention to the relationship of things with people and spaces. A brief reflection on the approximation of archeology with literature is also presented. In this case, we analyze the fantastic horror literature of Howard P. Lovecraft, observing the narrative use of archaeology and what it makes us think about the study of things from the past.

KEYWORDS: Archaeology; Material Culture Studies; Archaeological Narratives;

RESUMEN

Las posibilidades de la arqueología crecen en la interfaz con los estudios de la cultura material, sobre todo al abordar los tiempos más recientes. El proceso de construcción de narrativas a partir de las cosas es un ámbito en el que se puede profundizar, tanto desde el punto de vista de los lenguajes, como de su papel en el proceso de producción de conocimiento. El estudio de la construcción narrativa y la aproximación a los Estudios de Cultura Material son un terreno fértil para los investigadores, así como un campo de experimentación para los estudiantes de grado. En este artículo desarrollamos el potencial de los ejercicios de construcción narrativa desde las prácticas interdisciplinarias con estudiantes de grado, especialmente en la atención a la relación de las cosas con las personas y los espacios. También se presenta una breve reflexión sobre la aproximación de la arqueología a la literatura. En este caso, analizamos la literatura fantástica de terror de Howard P. Lovecraft, observando el uso narrativo de la arqueología y lo que nos hace pensar sobre el estudio de las cosas del pasado.

PALABRAS CLAVE: Arqueología; Estudios de Cultura Material; Narrativas Arqueológicas;



INTRODUÇÃO

A Arqueologia cresce em possibilidades na interface com os Estudos de Cultura Material, particularmente ao se aproximar dos tempos mais recentes, ganhando novos territórios de interlocução, de saberes e fazeres. O trabalho com equipes reduzidas ou mesmo individual, uma realidade vivida por muitos pesquisadores no Brasil, é a princípio incompatível com as realidades das pesquisas arqueológicas que necessitam de grandes estruturas logísticas e de pessoal para a realização de escavações e análises laboratoriais. O isolamento social em consequência da Covid-19 a partir de 2020 veio a agravar essa condição levando pesquisadores a ficarem isolados dos contextos de suas pesquisas, suspendendo campos, e mostrando a necessidade de reformular métodos em andamento, ou anteriormente planejados, para se adequar às demandas científicas que, naturalmente, não foram suspensas. Daniel Miller, ainda no início de 2020, contribuindo com pesquisadores para pensarem em medidas de adaptarem suas atividades considerando a necessidade do isolamento social fala em estratégias para se conduzir uma etnografia à distância, por exemplo.¹

O projeto *Campos e Saberes: práticas de pesquisa interdisciplinar na extensão da sala de aula*, desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faz com que haja diálogo em diferentes áreas do conhecimento e tem oferecido a estudantes propostas de exercícios práticos que integram pesquisa, ensino e extensão (JAPIASSÚ, 1976; FEYRABEND, 2011; BELL, 1990; LATOUR, 2004). Nesse artigo são trazidos alguns frutos do projeto, particularmente no que diz respeito a questão da construção de narrativas na Arqueologia (ZARANKIN & SENATORE, 2013; ZARANKIN, 2014; JOYCE, 2002; HOLTORF, 2004). Ressalta-se a reflexão para o campo do ensino (LEITE, 2015; BRAGA JR, 2012; ABREU, 2016; ABREU e MATTOS, 2016; SOUZA, 2018), considerando a possibilidade e a relevância de se trabalhar o assunto ainda nas graduações, bem como em estender o debate ao campo dos chamados Estudos de Cultura Material (MILLER, 2013; APPADURAI, 2008; GONÇALVES, GUIMARÃES & BITTAR, 2013; BEZERRA, 2017).

As pesquisas tradicionais, com equipes numerosas, com toda a estrutura e logística para o desenvolvimento de seus projetos, permitem uma leitura arqueológica do passado única, com a recuperação de vestígios, fontes de inigualável valor sócio histórico. Mas, expandir nossos territórios na interface com os Estudos de Cultura Material, reforça e legitima institucionalmente práticas que, por vezes, enfrentam discursos de recusa e de negação de seus saberes e fazeres tidos como “não-arqueológicos”, enraizados em conceitos tradicionais da prática e do ofício da Arqueologia, que geralmente associam o trabalho de campo à atividade da escavação necessariamente.



As muitas formas de práticas públicas e de educação tendo o patrimônio como meio; da chamada Arqueologia Pública (porque não em diálogo com a História Pública); as diferentes formas de práticas colaborativas apresentando modos diversos do fazer arqueológico a partir de outras perspectivas de mundo (e.g. SCHAAN & DAIANA, 2015; BEZERRA, 2012, 2017a; CABRAL 2014a; MAGESTE, 2017; MILLION, 2005); também são exemplos nessa direção. Assim como as ações educacionais junto a Museus (e.g. CURY, 2016; BRUNO, 2009; BRUNO E NEVES, 2008; SILVA, 2016;), Áreas de Conservação Ambiental com visitação pública (MAGESTE et al. 2020; AGOSTINI, 2019); o diálogo com as Artes, as pesquisas que se aproximam ao Passado Recente e ao Contemporâneo (POLONI et al., 2020; PELLINI, ZARANKIN & SALERNO, 2017, AGOSTINI, 2021). Todas essas vertentes, para dar apenas alguns exemplos, nos lançam no mundo em uma relação direta com ele. Nas palavras de Quetzil Castaneda (2009), de maneira a *estar* em campo e não apenas coletar dados. A “pesquisa participante” a qual sugerem Brandão e Streck (2006), ou, para alguns, dando um passo além, como traduziu Fraveet-Saada (1990), sendo por ele “afetado”.

Esse texto se dedicará ao encontro da Arqueologia com as letras escritas, um movimento que possibilita diálogo com práticas de ensino (MORAES, 2018). Mas, principalmente, com os processos de construção das narrativas e de produção do conhecimento no âmbito de uma pesquisa acadêmica (CHALHOUB, 2003, 2012): seja pelo exercício de leitura das coisas do/no mundo e os caminhos que encontramos para traduzir, contar, narrar seus sentidos e presenças, permeando as vidas de diferentes sujeitos sociais; seja no ofício de escrever e divulgar sínteses acadêmicas na produção e comunicação do conhecimento. Isso será feito aqui com análises de trabalhos realizados na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em disciplinas eletivas com turmas de graduação, nas salas de aula e para além delas. Bem como no diálogo com estudantes que a certa altura de suas jornadas cruzaram com essas conversas, um deles vindo a assinar junto esse artigo, tendo sido dele provocador – nos dois (bons) sentidos do termo: que instiga e o faz acontecer.

NARRATIVAS E AS COISAS EM AÇÃO – PRÁTICAS INTEGRADAS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A escolha da estrutura de um texto não é ingênua ou deveria ter pretensão de neutralidade. Autores legitimados por suas tradições culturais, após séculos de massacre e silenciamento, hoje conquistam o cenário acadêmico e sacodem os pilares de nossas autorias e oralituras (KRENAK, 2020; BENJAMIN, 1985), anunciando em bom português, por exemplo, que “a humanidade é uma mentira” (KRENAK, 2020a: 14) e que “a vida não é útil” (KRENAK, 2020b). Pronunciar-se a partir



do silenciamento tem sido arte e maestria de mais de seis mil professores titulados pelo Programa Encontro de Saberes, que inclui no corpo docente de universidades públicas mestres de saberes tradicionais ou populares que mesclam conhecimento, educação, tradição, experiência e diferentes formas de expressão artística simultaneamente no ato de se pronunciar para/com um grupo de estudantes.¹ Estratégias que alguns autores também buscam ao colocar textos acadêmicos de ponta cabeça, escrevendo, por exemplo, sobre a falta de uma peça em um museu, no caso a perna do Saci, anunciada por uma ficha catalográfica encontrada nos arquivos (CHAGAS, 2004); sobre o mistério dos ladrões de urnas funerárias: os arqueólogos na visão de alguns povos indígenas (PEREIRA, 2019); ou brincando com a costura de indícios a partir de outras lógicas ou princípios, sem a pretensão de apresentar conclusões, mas de abrir caminhos para pesquisas (AGOSTINI, 2018; ABREU, MATTOS e AGOSTINI, 2016:); ou, ainda, usando a irreverência e a liberdade poética do recurso visual (ALBERIONE, 2014; PELLINI, et al., 2017; BEZERRA, 2017b; MOARES, 2012).

Mesmo nos clássicos, catedráticos, é possível encontrar apontamentos que ajudam a pensar que o tempo da pesquisa é, de certa maneira, cronológico, como o tempo da experiência vivida, com começo, meio e fim (a princípio). Mas, não raro o texto escrito subverte essa temporalidade da experiência acontecida, quando já se conhece o fim da história e o que se pretende refletir com ela ou a partir dela (DE CERTEAU, 2010).

Conteúdos relacionados à construção de narrativas no âmbito de programas de graduação em Arqueologia parecem relevantes e esse texto enfatiza o papel metodológico que tem a construção da narrativa no processo de construção do conhecimento em uma pesquisa. Historiadores vêm mostrando esse aspecto através do paradigma indiciário nos estudos de Micro História (GINZURG, 1989; ROJAS, 2012; CHALHOUB, 2012; LIMA, 2006); bem como na construção da História a partir do estudo da memória e do registro oral através de narrativas audiovisuais (ABREU & MATTOS, 2012; 2016)²; que é análogo ao processo de edição de imagens na produção de um filme, que tem muitas horas de gravação e que precisa se transformar em um filme com um número restrito de minutos, por exemplo. Quando então você monta a sua versão da

¹ Programa que se radicou em várias universidades brasileiras. Ou mesmo pela a ação individual de inúmeros professores que por iniciativa própria fazem esse movimento de aproximação de saberes, os casos são muitos e felizmente crescentes, apenas para não deixar de mencionar fica o registro dos projetos de Isabela Frade no Instituto de Artes da UERJ, os projetos de Ricardo Lima no Departamento Cultural da UERJ, de Gerson Rozentino e toda a equipe do EcoMuseu na Ilha Grande, de Elis Araújo Miranda do Departamento de Geografia da UFPA, Carina Guimarães do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del Rey, apenas para mencionar alguns poucos exemplos.

² Ver também as páginas, acervos e produtos em <http://www.labhoi.uff.br/>, como o documentário Memórias do Cativo: http://www.labhoi.uff.br/passadospresentes/filmes_memorias.php, com direção e edição de Guilherme Fernandez e Isabel Castro e sob direção acadêmica de Hebe Mattos e Martha Abreu e os produtos realizados pelo projeto Passados Presentes: <http://passadospresentes.com.br/>, sob coordenação de Hebe Mattos, Martha Abreu e Keila Grinberg.



história, escolhendo qual trecho virá antes ou depois, integrando dados, referências bibliográficas, reflexões próprias, análises, em um argumento, um texto, com começo, meio e fim.

Levar os estudantes a exercitar o processo da escrita, que é parte do ofício, é uma tarefa que os coloca frente a frente a questões epistemológicas relevantes, mas também suscita questionamentos sobre formas narrativas possíveis e a nossa capacidade de comunicação. Trazer para a pauta o questionamento de que outros produtos podemos realizar, para além de artigos, teses, livros, lidos geralmente apenas pelos especialistas, parece algo igualmente relevante.³ Como fazer chegar o conhecimento produzido no âmbito acadêmico para além dos muros da cátedra? Fazemos esse exercício com a linguagem dos nossos textos? Considerando sempre que esse esforço não se trata de um exercício de comunicação e de difusão do conhecimento apenas, mas também de outras maneiras de formar o conhecimento; de produzi-lo, de processá-lo. Como os exemplos dos trabalhos que as arqueólogas Mariana Cabral têm apresentado junto a grupos indígenas de maneira tão importante e instigante (CABRAL, 2014a; CABRAL 2014b), de Márcia Bezerra junto ao patrimônio da Ilha do Marajó e suas gentes (BEZERRA, 2017) e a ousada narrativa de Marina da Silva Costa (2021) processando os recônditos percursos e percalços de uma dissertação de mestrado como parte do processo de construção do conhecimento, lançando mão de recursos literários ficcionais e autobiográficos para isso.

O debate sobre a diversidade de “produtos acadêmicos” possíveis, sejam textuais, seja para além de textos científicos escritos como artigos, livros e apresentações orais para público especializado abre um diálogo também com a produção realizada por mestrados de programas como o Profhistória – Mestrado Profissional em Ensino de História. Programas que valorizam como resultado junto à dissertação teórica e reflexiva a criação de “produtos” com um caráter prático e de diálogo intrínseco com a sociedade.⁴

Uma abordagem possível, experimentada na disciplina eletiva *Narrativas Acadêmicas e Práticas Públicas*, para alunos da graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos anos de 2016 e 2018, é o trabalho interdisciplinar e integrado: tendo como suporte/parâmetro para a produção de narrativas a materialidade e os espaços do mundo ao redor; a oralidade e a memória; documentos escritos; e princípios etnográficos de observação e registro – ou despertar uma

³ Um exercício nesse sentido, mobilizado pela necessidade de compartilhamento de experiências durante o isolamento social na pandemia de 2020, foram os ensaios em formato audiovisual disponibilizados no youtube: Professores – para quando for seguro! <https://youtu.be/BX3h5trlG7k> postado em 27 de maio de 2020; Ensino, Presente! Pela presença de sentidos, corpos, coisas, espaços e narrativas. <https://youtu.be/pZRIGXNB17E> postado em 16 de junho de 2020; Estudos de Cultura Material e Narrativas Arqueológicas. https://youtu.be/6lAT7RLj_fY, postado em 04 de julho de 2020; Temporalidades e Territorialidades no Mundo Fora das Telas. <https://youtu.be/O543zqcjesk>, publicado em 04 de setembro de 2020.

⁴ As dissertações e alguns dos produtos estão disponíveis online em bancos de dissertação fornecidos por cada universidade. Um belo material que talvez traduza como o engajamento dos próprios professores do Programa os transforma em geradores de produtos à semelhança do que se propõe aos seus pós-graduandos pode ser conferido em Gringberg e Almeida, 2012.



“sensibilidade antropológica” e exercício de registro (Petrola, 2021; CASTAÑEDA, 2009; CABRAL, 2014; HAMILAKIS & THEOU, 2013; AGOSTINI, 2011; 2019; PAIVA, 2001; JAPIASSÚ, 1976). O mesmo programa chegou a ser adaptado também a um curso de *Seminário Especial Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão*, ministrado no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História / UERJ, em 2019.

Apresentar o conceito de narrativa no processo de produção do conhecimento científico, ainda na graduação, permite que o estudante se aproxime do processo do fazer científico, quando confrontado pela diversidade das possibilidades de escrita, e não apenas a execução de um formato padrão, como um manual, produzindo escritas positivistas (HARLAN, 2010; DE CERTEAU, 2010; SENATORE & ZARANKIN, 2013). Permite ainda que o estudante reconheça as possibilidades de alcance do seu trabalho socialmente, buscando diferentes formas para que isso se realize (BRUNO, 2009). Faz com que perceba como são intrínsecas as atividades de pesquisa e da extensão na universidade, espaço este muitas vezes de desconhecimento dos discentes. Por outro lado, oferece a oportunidade de aprofundamento de análise das fontes e suas possíveis leituras, considerando, nesse sentido, as narrativas como discursos histórica e contextualmente construídos – sejam em forma de textos ou de objetos (SENATORE & ZARANKIN, 2013).

É interessante explorar, comparativamente, desafios de narrativas produzidas a partir da cultura material, de textos escritos, de registros de “inspiração etnográfica”, por exemplo. Sugere-se, portanto, abordar comparativamente, os desafios de narrativas produzidas a partir de fontes diferentes, observado o seu papel na produção e comunicação do conhecimento, com debates preliminares a partir de leituras teóricas introdutórias sobre a sua definição nos diferentes campos e o seu papel no processo de construção do conhecimento, seguidas de exercícios práticos. Os exercícios realizados pelos alunos podem ser compartilhados em rodas de leitura e analisados coletivamente na sala de aula, experimentando os conceitos em uma prática compartilhada.

Ainda que tenham sido encaminhadas atividades diferentes, a proposta, no geral, relaciona narrativas *materiais-visuais* com narrativas *textuais-escritas*, exercitando: 1) uma leitura da relação das pessoas com as coisas e de ambas com os espaços ao redor (LATOUR, 2007) e; 2) estabelecer uma relação-via-experimentação entre os domínios acadêmico e público. Para tal, são realizados exercícios de construção de narrativas escritas a partir de materialidades observadas em espaços públicos, considerando diferentes formas de sua observação-registro; de produção de conhecimento a partir desse universo empírico definido; formas de interagir com ele e de traduzi-lo; e do potencial dessas narrativas como transmissoras-comunicadoras de saberes.



Um programa de caráter teórico e prático, com uma abordagem comparativa, tendo como parâmetro as tradições de escrita da Arqueologia, da Antropologia e da História, permite uma apresentação ao tema, de maneira introdutória, mas com potencial transformador de suas visões sobre a *práxis* acadêmica. O caráter prático dos programas desenvolvidos subentende que intercalam textos acadêmicos publicados com exercícios de análise de materiais produzidos no âmbito das disciplinas, análise de mídias, visitas a espaços públicos, uso de literatura poética, de ficção e audiovisual. Os exercícios são realizados para auxílio na incorporação de conceitos pelos alunos, contando com aulas em espaços públicos como áreas verdes urbanas, museus, a rua e o próprio *campus* da universidade.

Como exemplo desse potencial, a seguir serão analisados alguns exercícios realizados por alunos, fazendo a partir deles reflexões sobre: 1) a experiência de registro da observação da relação entre coisas e pessoas em determinados espaços sociais e as formas de escrita experimentadas (a construção das narrativas e princípios etnográficos de observação-participação-registro, observando seu potencial didático); 2) a descoberta de formas narrativas na escolha de estruturação de um texto; 3) a aproximação ao campo literário, investigando as possibilidades de aprendizado que o fazer científico pode ter com as literaturas policiais e de horror.

Esse texto se baseia em trabalhos desenvolvidos com os estudantes e o quanto com eles seguimos aprendendo-ensinando.

DIÁLOGOS COM A ANTROPOLOGIA: PRINCÍPIOS ETNOGRÁFICOS DE REGISTRO COMO OBJETO E COMO FERRAMENTA NO ENSINO DA ARQUEOLOGIA

Dentro da proposta apresentada muitas são as possibilidades para orientar o olhar do estudante no seu lançar-se no mundo da pesquisa. Um princípio etnográfico de observação-participação e registro é despertado de antemão, tendo como suporte o exemplo de pesquisas na área da Antropologia com foco na Cultura Material. Entende-se que a etnografia estrito senso é uma prática antropológica ou o próprio fazer antropológico que só se realiza com a longa duração, com as relações que se estabelecem em uma observação-convívio mais ou menos regular, frequente ou duradoura com determinado grupo social e que tem a abordagem-olhar embasadas em referenciais específicos nesse fazer. Por outro lado, é possível inspirar o iniciante a ter um “espírito etnográfico”, uma atenção etnográfica para o mundo ao redor ou uma “sensibilidade antropológica” na sua relação com as pessoas e as coisas que o cercam e exercitar formas de registrar essa



experiência (PETROLA, 2021). Essa atenção e forma de registro pode ser chave para auxiliar a integrar todas as outras.

Exercícios foram direcionados para que estudantes experimentassem essa fruição com o mundo e seu registro, seu potencial como lugar de reflexão a partir de suas próprias escolhas. Foram orientados a fazer anotações em diários de campo e, depois, a partir delas, a criar narrativas de até duas laudas com alguma razão de ser, com algum propósito (“uma questão”) que descobriríamos então qual seria com a leitura em voz alta, em roda, para debate. Como mencionado, esse exercício foi adaptado para estudantes de graduação de cursos de Arqueologia, História e áreas afins em disciplina eletiva *Narrativas acadêmicas e práticas públicas*, no âmbito do curso de graduação em Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A aproximação a princípios etnográficos de observação-participação e registro, usada como uma ferramenta na dinâmica educacional para auxiliar o processamento de “dados” em textos, amparou outro objetivo: o exercício de construção de narrativas textuais sobre a cultura material. Os estudantes foram convidados a escolher locais e questões que lhes interessassem, lançando sua atenção sobre a dinâmica dos espaços sociais, buscando notar a relação das coisas com as pessoas e o mundo que as cerca, as engendra e as afeta; assim como a presença deles próprios observadores-que-anotam nesse mundo observado-questionado-vivido. Como exemplo vemos trechos de uma narrativa elaborada por um estudante, a partir do *olhar arqueológico*, experienciado no *campus* da própria universidade.

Lucas Sousa de Pontes foi um aluno que o curso de arqueologia perdeu. Faltava muito, chegava atrasado, até que um dia chegou mesmo a desistir do nosso curso de arqueologia. No entanto, em aulas onde teve a chance de entrar em contato com a expressão artística, talvez ali tenha tido uma brecha, quando exibiu habilidades até então silenciadas. Assim foi com seu - **O estudo de uma caverna uerjiana** -, escrito em setembro de 2016. Com uma ambiência de mistério e perigo, fez lembrar uma escrita policial, ao experienciar o registro documental material, fenomenológico, sensorial, “etnográfico”, também tácito em suas entrelinhas e surpresas ao se enveredar pela escada de emergência da universidade. A seguir um trecho editado do texto do aluno, transcrito aqui com sua autorização:

“12:10 – (...) início meu trabalho na saída de emergência. Ao atravessar uma grande porta vermelha de ferro início minha campanha (...). Primeira coisa que me deparo é com uma sacola de lixo preta, não sei o que há dentro, pois está amarrada, observo as paredes e vejo marcas de um líquido escuro escorrendo, não posso identificar que líquido é esse, lembrando que estou no nono andar ainda, algumas pichações podem ser vistas (...), fotografei e vi que a bateria de meu celular estava quase no fim.



[Lucas vai descendo a escada de emergência fazendo uma descrição sensorial do percurso, em linguagem literária, misteriosa, quase como num romance policial, fazendo reflexões]

Do oitavo para o sétimo andar uma enorme mensagem [em leras garrafais:] “VAI TER PRETO SIM” uma das poucas mensagens que pude entender, aquilo com certeza seria uma mensagem com intuito de fortalecer a questão da cota racial, não só isso como também é uma prova de que o espaço da universidade, onde quer que seja levanta e se preocupa com questionamentos políticos. Só acho estranho que a mensagem fique na saída de emergência, sem muita visibilidade. Seria uma metáfora? Me pergunto. Ainda no sétimo, noto que tijolos seguram a porta que está com as dobradiças quebradas, mas dessa vez uma porta sobre uma porta, a primeira porta está gradeada e trancada.

[Seguindo pela escada descreve um momento que falta luz, quando encontra as portas trancadas e a bateria do celular acaba; ele fica um tanto desesperado, depois escuta o som o disjuntor e a luz voltam] (...)

Continuei a descer, as marcas de infiltração são ainda mais rudes e intensas. Bolsões formados nas paredes, não sei como tanta umidade foi parar ali, mas me dei conta nesse momento que mesmo sendo um local fechado também era um lugar frio e mal iluminado.

[Encontra meninas que ficam desconfiadas dele... Ele passa por elas. Mais adiante passou um senhor bem vestido com uma mala que não deu atenção a ele e passou por ele, subindo de um andar para o outro. Depois de descer toda a escada, sobe toda a escada de novo, revisando as anotações] (...)

Continuei para o sétimo, revisei o andar e percebi que tinha deixado algo muito importante passar, era a embalagem de um preservativo aberto, pensei na hora que aquela escada tinha mais para contar do que eu para falar.

Ao encontrar a embalagem do preservativo fiquei empolgado, continuei subindo, dessa vez mais atento. Percebi no oitavo um grupo de três rapazes que passavam por ali, um deles me percebeu na escada e tomou a escada como caminho, eles passariam direto pela escada, mas acho que minha presença tornou o caminho mais viável ou mais seguro talvez. (...)

[Encontra o preservativo que associa com a embalagem que tinha encontrado e faz uma leitura atenta e empolgada dos vestígios da cena de sexo flagrados, identificando marcas de pés na parede, entre outros elementos] (...)

Fiz uma pequena conclusão: a escada de emergência quase não é utilizada. Seu ambiente é inseguro e inóspito, a má iluminação pode propiciar de tudo, de acidentes a crimes, por exemplo. O odor é forte, causa desconforto e a única coisa que pude levar em consideração é o silêncio, que para mim era desvantagem devido aos sustos que levava com os ruídos”.

A experiência “de campo” observada na narrativa do Lucas faz pensar alguns elementos apreendidos pelo aluno na prática – que se não observados de forma consciente por ele no



momento do registro, foram observados no momento da análise do material junto ao grupo em sala de aula, posteriormente.

O primeiro aspecto a destacar foi a observação e descrição, em um exercício de escrita com uma tendência literária. Um aspecto interessante que valoriza o “olhar arqueológico” do aluno na experiência de penetrar pelos recônditos da escada de emergência da universidade foi o registro dos “outros” observados-em-relação a ele: fossem “outros impactados” (as mulheres com medo dele), “outros por ele estimulados” (os rapazes que usaram a escada porque ele estava ali), ou “outros que não tiveram reação a sua presença” (o homem que passou sem reparar).

A simulação lhe deu também a oportunidade de lidar com situações reais em um trabalho de campo. Como ter que lidar com o imprevisto, quando a luz da escada apagou, e ter que lidar com o medo e o risco. Foi também graças à experiência de fazer e refazer o trabalho que ele encontrou o que julgou ser o achado mais interessante: o preservativo, que lhe escapou à vista na descida. Apenas porque ele subiu refazendo o trabalho, anotando andar por andar com a mesma atenção pode encontra-lo.

Encontramos em seu texto também a experiência de reconhecimento e reflexão. Reflexão sobre a própria universidade, seja sobre suas condições materiais, seja sobre seu papel sócio político ou suas práticas cotidianas. Mas também uma autorreflexão, trazendo à tona suas habilidades, medos, limites e encantamentos.

AS COISAS E OS ESPAÇOS - REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA

Uma dinâmica realizada em um dos cursos foi a análise do romance *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie. Para além do clássico encenado por Harrison Ford em *Indiana Jones*, outras tramas e personagens da ficção marcaram uma geração, quiçá influenciando trajetórias rumo aos bancos da universidade para o curso de Arqueologia. Como o caso do detetive Hercule Poirot e as cenas de mistério conduzidas por Agatha Christie ou filmes como *Enigma da Pirâmide* que trazia uma origem fictícia para o começo da carreira de ninguém mais ninguém menos que Sherlock Holmes. Na análise de *Assassinato no Expresso do Oriente* é marcante como se pode encontrar analogias a todo o processo de uma pesquisa científica na busca e na interpretação de Hercule Poirot para descobrir quem cometeu o crime na história. Nessa busca é também marcante a importância das materialidades enquanto provas e a diversidade das “fontes” para que o detetive chegue ao seu veredito.



A análise da leitura de *Assassinato no Expresso do Oriente* trouxe uma pergunta ao grupo em sala de aula: se romances policiais de mistério encontram inspiração nos fazeres científicos – em muitos casos com alusões diretas a própria Arqueologia e a passados de civilizações (e nas fantasias sobre elas) – o fazer arqueológico pode aprender algo com essa literatura? Mergulhando na leitura encontramos muito do fazer científico, como mencionado, ficando a pergunta se no mínimo aquela literatura poderia nos ajudar tentar a escrever textos menos enfadonhos. A narrativa do Lucas pareceu um belo exemplo para se pensar no assunto. Marina da Silva Costa (2021)⁵ também abriu um leque de possibilidades com sua dissertação e chegou a contribuir com esse texto com sugestões em leituras prévias. Por outro lado, quem entrou mesmo na dança foi Enrico Baggio, coautor desse artigo, que na mesma linha veio desafiar: e a literatura de Horror, que também faz tantas referências à Arqueologia, ela faz pensar alguma coisa sobre nosso fazer arqueológico? Será disso que vamos tratar mais adiante.

O reconhecimento da relação das pessoas com os espaços e as coisas, usando os sentidos para isso, além do próprio exercício de observação-participação descritiva-reflexiva fez surgir textos e materiais os mais interessantes para se trabalhar em sala de aula junto com os alunos, tanto do ponto de vista de seus conteúdos, quanto do ponto de vista das formas para se pensar no processo de produção do conhecimento e de construção das narrativas propriamente.⁶ Vale destacar o texto produzido por Maria Luiza Mauler que, dissertando sobre o cotidiano do lago da UERJ, na turma do segundo semestre de 2018, ensina que um texto não precisa ser linear, mas, quem sabe, pode ter uma estrutura circular, girando em torno de um ponto (no caso do seu texto, do lago). Será que nossa escrita acadêmica também pode ser assim?⁷

Textos que nos deslocam com potência, gentileza e poesia, como a - **narrativa sem título** -, escrita por Giovana Medeiros Rosa, em novembro de 2016⁸. Nesse caso, o exercício era buscar uma tradução para a relação das coisas com o espaço dentro do Museu do Negro, na Irmandade de Nossa senhora do Rosário e São Benedito, na realização de um texto escrito. Segue um trecho do texto da aluna, também editado, com sua autorização:

“Eu estava lá. Em cada grilhão, em cada cadeia, em cada senzala. Tentaram me calar, amordaçar e ignorar. Mesmo assim, não conseguiram me tirar de lá. Era duro o dia-a-dia, muito trabalho, pouca comida, nenhuma dignidade. Quando muito, era

⁵ Da pedra ao pó: granito, megalitismo e cerâmica no Amapá Pré-Colonial (salpicado de ficção contemporânea das Minas Gerais), dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2021, na UFMG.

⁶ Ver algumas referências citadas em Agostini, Camilla. Estudos de Cultura Material e Narrativas Arqueológicas. https://youtu.be/6lAT7RLj_fY. Postado em 04 de julho de 2020.

⁷ Seria difícil transpor a impressão causada por seu texto em um pequeno trecho editado, seria necessária a leitura na íntegra das duas laudas realizadas para o exercício.

⁸ Lara de Paula Passos defende uma proposta de arqueologia feminista e afrocentrada a partir da Arqueopoesia (2019).



uma coisa, quando pouco, não era nada. Quando muito, eu era Anastácia, quando pouco, eu era o grito contido na mordança.

(...) [continua em prosa poética, repetindo alguns versos fazendo cadência com as palavras]

Eu estava lá quando disseram que os velhos estariam livres. Ora, o que era um “Preto Velho?”. Estava lá quando disseram que as crianças estariam livres e, depois de muito tempo amordaçada, achei que podia soltar meu grito quando disseram que já não éramos escravos. Vi a carta ser assinada, vi a festa dos meus irmãos, vi a tal princesa.

A felicidade logo se tornou agonia, meus irmãos ainda não eram vistos como se devia. Retiraram-me a mordança, mas meu grito ainda estava contido. Até hoje eu estou lá, estou aqui e em todo lugar em que um irmão é injustiçado. Quando pouco, eu sou Anastácia, quando muito, sou a resistência”.

Para além de falar da experiência de uma arqueologia fenomenológica ou sensorial, fazer uma análise desse caso foi difícil. Como mencionado, foram feitas dinâmicas de leitura em voz alta para debate com a participação de todos e a professora com comentários complementares mais metodológicos, no sentido de orientar, corrigir, apontar possibilidades. Quando Giovana terminou de ler o texto, com a narrativa em primeira pessoa, sendo a primeira pessoa Anastácia e com a força poética de sua fala, apenas foi possível silenciar, destacando sua força e beleza. Giovana insistiu que corrigisse o texto, que para ela era importante. Ficamos todos muito impressionados com a beleza da narrativa, com a sua potência e seu possível significado. Talvez pela relutância em corrigi-lo a aluna não se conteve e se mobilizou a escrever um segundo, levado na aula seguinte, que explicava sua experiência, intitulado *Relatos de uma narrativa alheia*, que também segue um trecho editado do texto, com autorização da autora:

“Certa vez, fui ao Museu do Negro. Precisava fazer um relatório e, dele, devia contar uma história. No folheto estava escrito “O Museu do Negro- RJ foi criado em 1938 pelos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos (...)”. Olhei em volta. Fui ver coisas, ler dados e anotar o suficiente para contextualizar uma história. O que a Igreja tinha a ver com os negros, afinal? Seria São Benedito? De onde vinham aquelas peças? Como fazer um relatório sem datas? Subi as escadas, observei os quadros, cada um contava o pedaço de uma história, mas como ligá-los?

Quando ouvi uma voz feminina atrás de mim dizendo: “Eu estava lá.” Virei e percebi uma figura muito particular, que combinava perfeitamente com aquele Museu, podia dizer que ela morava ali, se não fosse impossível morar em um Museu. E perguntei: “Como é?”. E ela continuou (...) “Quando muito, eu era uma coisa, quando pouco, não era nada. Quando muito, era Anastácia, quando pouco, eu era o grito contido na mordança”. Muito poético e ensaiado. Escrevi o que disse no meu caderno e continuamos o caminho”.



[Então ela conta como foi todo o percurso sendo guiada por Anastácia, ou, por essa voz que lhe apresentava a história na medida em que visitava as peças].”

Quando chegamos na Igreja, Giovana se dirigiu a capela lateral para se benzer e explicou especificidades religiosas católicas do local com muita propriedade para uma amiga. Quando perguntamos sua religião após a leitura, Giovana respondeu um pouco impressionada e muito segura de sua fé, “sou católica praticante”. Não cabe aqui apreciar algum tipo de veracidade de fenômeno espiritual-religioso, mas sua experiência revelou um texto de extrema beleza poética e com uma mensagem de forte impacto sócio-político. Para além das experiências pessoais dos estudantes, todos expressaram uma escrita criativa, rica e bem elaborada.

Vale trazer o diálogo que Giovana estabeleceu com o presente artigo, se posicionando com relação a nossa leitura de seus textos:

"(...) Contudo, o texto gera uma dúvida que, por curiosidade, gostaria de esclarecer a você: minha experiência no Museu do Negro não teve nada de sobrenatural, na verdade, minha preocupação era contar uma história que não era minha, usando pistas materiais também sem muitos dados expostos. Para tentar resolver esse conflito, usei a figura de Anastácia e escrevi em primeira pessoa, tentando tornar mais autêntico o relato de sofrimento (procurei também buscar expressar aquele sofrimento mais propriamente humano, não tanto pela intensidade de violência, mais visível, mas pela frequência diária e suas consequências – angústia, desesperança, desconforto, sentimento de desprezo, vontade de justiça – menos visível através dos objetos, usando a repetição de versos nessa tentativa).

No segundo texto apenas utilizei a imagem de um “guia” para fazer menção aos objetos encontrados no Museu sem perder a ideia da narração em primeira pessoa, fiz isso levando em conta o quanto a senhora nos deixou livres para escrever usando a linguagem que desejássemos, optei assim pelo texto mais melódico, poético e ficcional.

Agradeço muito pela oportunidade de enxergar o meio acadêmico como um lugar de criatividade, de experiência e de aprendizado através de dados científicos, sempre, mas também pela troca com os outros, com suas ideias e levando em conta a história de vida de cada um.”⁹

O exercício de metodologia interdisciplinar e integrado, usando o elemento narrativo como recurso, faz pensar o quanto a ciência pode se servir de formas de expressão artística, no caso em questão, a literária. Nesse sentido, a resposta de Giovana traduz a potência do seu texto, quando ao descrever seu processo criativo se revela atenta ao lugar de quem narra (em relação a ela Autora) na construção de uma narrativa. Lembrando que essa construção poderia ser em formato audiovisual, performático, instalações, etc., tal como sugerem autores como Shanks, Hamilakis & Theo (2013) e Castañeda (2009) e como tem sido feito por muitos grupos a exemplo das

⁹ Giovana Medeiros Rosa, em troca de e-mails em 22 de junho de 2021.



“Cientirinhas” uma proposta bem humorada para divulgação da ciência nas redes sociais, com possibilidade de atingir um público imenso e muitas vezes totalmente distante da academia.¹⁰

Costuma-se questionar até que ponto podemos incrementar a ciência de arte para tornar nossas formas de comunicação mais palatáveis e esse é um outro amplo debate que decorre dessas reflexões introdutórias (WHITE, 2000). Será aprofundada, a seguir, a aproximação com a literatura e o que ela nos permite pensar. Ela nos ajuda a nos comunicarmos melhor e, quem sabe, encaminhar nossos pensamentos por outras vias?

Como parêntese, vale instigar se, para além da pesquisa clássica e suas possibilidades retóricas, não podemos pensar em uma outra aventura, a do uso de ferramentas de pesquisa para criações artísticas propriamente, colocando a ciência a serviço da arte. Lembrando, ainda, que nesse campo a educação pode ser pensada como um meio e um propósito (LARROSSA, 2017; ANTONIO, 2004; CASTAÑEDA, 2017).

O AUTOR COMO OBJETO – A LITERATURA DE HORROR PODE ENSINAR A ARQUEOLOGIA?

Se a leitura de Agatha Christie e o exercício de narrativa do Lucas Pontes sugeriram que romances policiais podem ajudar a Arqueologia a encontrar maneiras de escrita mais palatáveis, Enrico Baggio, também graduando em arqueologia na UERJ e coautor deste texto, perguntou se o mesmo seria possível com a literatura de Horror, repleta de mistérios, referências ao passado, ao fazer científico e até mesmo à Arqueologia.

A obra de Howard Philips Lovecraft é um exemplo de como a ciência inspirou e orientou esse autor na construção de histórias, personagens, tramas, cenários e reflexões. Mas antes de nos aventurarmos no mistério que tocamos ao nos aproximarmos do passado, seja na literatura de Lovecraft ou no fazer arqueológico, vale uma ressalva para o campo da arqueologia no diálogo com o domínio da literatura.

A referência aqui é sobre a possibilidade de se admitir um Autor como objeto do ponto de vista de uma reflexão arqueológica. Admitir um Autor e sua obra como a própria fonte não é uma tarefa muito corriqueira no campo da Arqueologia, especialmente se a fonte é literária. Geralmente atribuímos essa tarefa ao campo da teoria arqueológica. Quando vamos estudar o pensamento de determinado autor, os conceitos de sua abordagem, metodologias, suas aplicações no fazer

¹⁰ Dragões de Garagem surgiu em 2012 como um podcast para divulgação científica, hoje possuindo canal no Youtube além de outros parceiros, cuja proposta é divulgar a ciência de forma “abrangente e interessante”. Vide: <<https://dragoesdegaragem.com/sobre/>>. Agradecemos a Marina da Silva Costa essa indicação.



científico, as implicações políticas do pensamento no seu tempo, etc. Por outro lado, podemos ter autores que estudamos como fonte, como subsídios empíricos, dados que podem somar a outros numa costura interdisciplinar, como o caso da literatura de viajantes (que compõe uma diversidade de tipos de literatura: de naturalistas, de sobrevivência, de militares, missionários, etc. PRATT, 1999). Ou ainda textos literários como os de Machado de Assis que, assim como a precedente traz nas linhas e entrelinhas, sejam em pretensão de descrição fidedigna ou na ambientação de uma “ficção do mundo real”, a possibilidade de se recortar fragmentos, rastros, vestígios de um mundo que hoje apenas podemos lembrar ou imaginar (GINZBURG, 2007; REVEL, 1998; THOMPSON, 1993; CORNWELL, 2006;).

Historiadores há muitos anos se dedicam ao exercício, à reflexão e ao debate de se pensar a literatura como fonte histórica e sua influência no fazer de uma História Social (e.g. CHALHOUB, 2003; PEREIRA, 2019; O´DONNELL & PEREIRA, 2016; THOMPSON, 1993). Os estudos de Robert Slenes sobre a obra de Rugendas e outros viajantes são uma referência importante no mapeamento da literatura de viajantes e a possibilidade de um olhar social a partir dela (SLENES, 1988; 1995). Tendo em vista o leque de abordagens e características desse material apresentado por Mary Louise Pratt (1999), em *Os Olhos do Império*. Em Arqueologia a literatura de viajantes naturalistas é amplamente conhecida e utilizada, ainda que muitas vezes frequentemente seu uso acabe sendo ilustrativo e comprobatório no reconhecimento de sítios, paisagens, estruturas arquitetônicas, artefatos ou mesmo dos seus usos sociais. Agostini (2009) faz esse alerta, comparando o uso das obras de naturalistas em análises junto à cultura material, entre outras fontes, de maneira que uma não sirva para fins meramente comprobatórios da outra.

A aproximação arqueológica que esse artigo sugere das escritas de Lovecraft é uma abordagem teórico-reflexiva. As representações produzidas pelo autor e seus sentidos são repletos de materialidades carregadas de passados, memórias, ruínas, mistério, mas também perpassadas pelo fazer científico arqueológico (e de outras ciências afins). Essas representações nos servem do ponto de vista da reflexão, além da ajuda para pensarmos formas mais interessantes de escrita? É possível pensar esse tipo de material como uma ferramenta na sala de aula? Portanto, a partir da sua escrita sobre as coisas do mundo e como elas se relacionam com o passado, passamos a perguntar como podemos refletir sobre o próprio ofício do fazer, do escrever e de ensinar na Arqueologia.

A primeira questão a ser considerada é que esse Autor escreve em uma época, em um lugar e a partir de um estilo literário. No processo de produzir o conhecimento, a etapa a qual nos dedicamos a escrever nossos textos não se trata apenas de um ato proforma de organização das



informações que gostaríamos de apresentar ao público, como mencionado de início. Faz parte também do *processo* da própria construção do conhecimento. A construção da narrativa é um momento de seleção do que entra e do que fica de fora, da ordem de como as coisas vão ser contadas, do tempo que as agrega que nem sempre – ou quase nunca – coincide com a realidade da experiência tal qual aconteceu durante o processo da pesquisa (DE CERTEAU, 2011). Alguns autores vêm ressaltando o papel importante que arqueólogos podem ter se tentarem se pensar como contadores de histórias (ZARANKIN, 2013; ALBERIONE DOS REIS, 2014; CABRAL, 2014a, 2014b; PELLINI, 2014; HATERMANN & MORAES, 2019; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2012; JOYCE, 2002; PRAETZELLIS, 1998). Não será com nossas narrativas enfadonhas, positivistas, cinzentas, em preto e branco, que mais parecem relatórios técnicos (HARLAN, 2010) que dialogaremos com públicos mais abrangentes e heterogêneos. Parece necessário e possível pensar caminhos para a produção de textos que vão além da linguagem acadêmica tradicional. Esse artigo mostra um pouco como exercícios com estudantes de graduação vêm despertando essas potencialidades e atenção nos arqueólogos aprendizes. O que se espera é despertar centelhas no principiante que poderão futuramente serem adaptadas em seus trabalhos acadêmicos, na extensão universitária ou no âmbito do ensino.

As narrativas de Howard Philips Lovecraft, ícone da literatura de Horror estadunidense do início do século XX, também inspiram formas alternativas de narrativas sobre o passado. Formas essas que não substituem as mais convencionais dos artigos científicos, mas suscitam os pesquisadores a buscar inspiração para um leque mais diversos de como divulgar o seu trabalho.

Essa questão torna-se ainda mais importante quando levamos em conta o crescimento da divulgação científica por diversas formas, tais como jogos, redes sociais, mídias, livros digitais, etc. Com a democratização do acesso à informação e ao conhecimento, especialmente pelos meios digitais, cada vez mais pessoas se aproximam de diferentes áreas da ciência, o que reforça a necessidade de se repensar as formas para se apresentar os conteúdos e os processos de pesquisa.

Através da literatura de H.P. Lovecraft nota-se a sua paixão pela ciência, fato que levou a inserção de elementos de uma ficção científica ainda nascente em suas obras em princípios do século XX. São inegáveis também as referências que Lovecraft faz diretamente à Arqueologia ou a outras ciências da terra em suas obras, ou, pelo menos, a temas que são de interesse comum a arqueólogos, geólogos ou paleontólogos. Sua literatura trata, não raramente, de temas investigativos movidos ou instigados por paisagens ou objetos do passado como, por exemplo, as paisagens pré-históricas no conto “Dagon”; a estatueta de Cthulhu, em “O Chamado de Cthulhu”; a



expedição geológica, em “Nas Montanhas da Loucura”; e os mais variados elementos materiais do passado citados no conto “Os Ratos nas Paredes”. A Arqueologia – ou elementos de interesse dos arqueólogos – é tão usada por Lovecraft como artifício literário que até um de seus maiores biógrafos e estudiosos, Michael Houellebecq, já escreveu sobre o papel da Arqueologia na sua literatura ficcional (HOUELLEBECQ, 2006).

Lovecraft, autor que escreveu uma vasta quantidade de contos, é considerado o pai do chamado “Horror Cósmico”, também conhecido como “Horror Lovecraftiano”. Como mencionado, a ficção científica frequentemente estava presente em seus contos, como é muito bem observado no conto “A Cor que Caiu do Espaço” e no conto “As Montanhas da Loucura”. Em paralelo, seus contos são recheados com passagens sobre o mistério, o oculto, e o autor utilizava-se de determinados dados de realidade para tratar do *desconhecido* em suas obras, subentendido nas entrelinhas em noções como a vastidão do espaço sideral e do oceano, assim como o próprio passado. Esse mesmo paralelo entre a vastidão do “espaço sideral” (o universo e o conhecimento astronômico), dos oceanos e do passado arqueológico pode ser encontrado no precioso documentário chileno *Nostalgia da Luz* de Pedro Guzman, de 2010, parte de uma trilogia que denuncia os abusos da ditadura militar chilena. Para continuar no cinema que navega no espaço em diálogo com a Arqueologia, vale lembrar do filme *Gravidade*, de Alfonso Cuarón, de 2013, com a participação da atriz Sandra Bullock, que oferece nos extras da cópia em DVD um documentário sobre lixo espacial que inspira o filme.¹¹ Universos de saberes que se tocam e se entrelaçam trazendo para pauta questões que dizem respeito à Arqueologia. Seja uma Arqueologia engajada politicamente sobre memórias sensíveis de um passado recente, seja uma arqueologia atenta a problemas ambientais do futuro-presente.

Nos contos de Lovecraft, muitas vezes nos deparamos com cientistas ou admiradores do passado como protagonistas. Não é incomum encontrar histórias desse autor onde elementos da cultura material desempenham um papel importante, senão principal, no desenvolvimento da história. Em “O Chamado de Cthulhu” uma pequena estatueta de um passado muito longínquo abre espaço para uma série de acontecimentos da trama. Inclusive, nesse mesmo conto, um dos personagens que entra em contato com a estatueta leva o espécime para ser analisado no Congresso de Arqueologia de Saint Louis. Já em “Dagon” o protagonista é confrontado com a paisagem de um passado desconhecido e aterrorizante. É inegável que o passado e a cultura material desempenham um papel muito importante na literatura Lovecraftiana.

¹¹ ver Rafael de Abreu e Souza (inédito) para artigo sobre arqueologia do lixo espacial previsto para ser publicado em volume especial na Revista do MAE.



Deve-se ressaltar também a característica fantástica da narrativa Lovecraftiana. Por mais que explore elementos da realidade e fuja um pouco dos estereótipos mais clássicos da Arqueologia, como os filmes e jogos da cultura pop já mencionadas acima, Lovecraft, como um referente literário se mantém na ficção, utilizando elementos fantásticos para aprimorar o horror em sua narrativa. Mas quando nos deparamos com realidades arqueológicas de horror reais, de passados traumáticos, sensíveis, aqui nosso encontro com as escolhas das soluções literárias de Lovecraft deve se afastar? Seja para se inspirar ou para se distanciar, sua obra permite que temas sejam trazidos para sala de aula e que os estudantes reflitam sobre as formas de se escrever sobre o passado das pessoas. A ética de nossa escrita deve incorrer apenas aos passados sensíveis, apenas aos passados recentes?

Um aspecto para se ter em conta é que a literatura fantástica, de fantasia ou realismo mágico permite abordar o horror de histórias traumáticas reais através de metáforas, como faz o mexicano Juan Rulfo no romance *Pedro Páramo*, por exemplo. Quando o autor contorna parte de uma história trágica do México com a história de retorno a uma cidade de fantasmas, de pessoas defuntas, esquecidas, assassinadas, seja pela vida real, seja pela memória. Outros autores importantes da literatura latino-americana nos presenteariam com vários exemplos semelhantes, como os escritores argentinos Jorge Luís Borges e Júlio Cortázar, e o colombiano Gabriel García Márquez.¹²

A Arqueologia é uma disciplina científica que se encontra muito distante do estereótipo do fantástico frequentemente associado a ela pelo grande público, estimulado por filmes como *Indiana Jones* (1981-2022), *A Múmia* (1999), *Atlantis: O Reino Perdido* (2001), e em jogos eletrônicos e filmes envolvendo a personagem Lara Croft. Essa associação tem inclusive graves consequências como se pode ver atualmente quando é apropriada em práticas como a do “Detectorismo”. Sendo essa menção ao passado, às memórias a referenciais arqueológicos junto a uma terminologia tecnológica uma estratégia que ajuda a revestir com uma roupagem científica práticas de pirataria.

No entanto, uma característica nem sempre declarada também costuma mover profissionais da área acadêmica na vida real, em alguma instância. É alguma aproximação com o desconhecido, com o mistério. Como diz Matthew Johnson, a prática de “*usar los pequenos fragmentos de información obtenidos para generar un discurso (...) (...) puede ser vista em (...) una aura de misterio e romanticismo de um pasado que se nos manifiesta através de sus restos*” (JOHNSON, 2000, pp.25; 29). Ainda que possamos trabalhar com gráficos, estatísticas, análises e procedimentos os mais variados, a aura do desconhecido move pesquisadores debruçados sobre o passado e esse é um ponto em comum não apenas entre pesquisadores e a literatura de Lovecraft, mas também

¹² Agradecemos a José Fontenele a observação desse modo de ver a literatura de fantasia ou o realismo mágico.



com o público em geral – e talvez por isso “todos um dia já quiseram ser arqueólogos na vida”, ao menos é o que uma boa parcela das pessoas dizem ao conhecerem um ou uma de verdade. Esse talvez seja um elemento em comum interessante para ser notado como ponto de aproximação, aquela chave que pode ser valorizada das mais diferentes maneiras, de forma explícita, divertida, subentendida ou até mesmo através do uso silêncio nas formas de comunicação e divulgação dos trabalhos produzidos nos bancos das universidades.

A escrita de Lovecraft faz lembrar ainda que o passado humano (e também o geológico) é repleto de lacunas. Alguns o pensam como um tempo que já se foi, cujas únicas provas de sua existência são os vestígios através dos quais podemos acessar suas memórias, lembranças, possibilidades de reconstrução, entendimento ou mesmo reparação. Sendo assim, pesquisadores munidos de teorias e métodos desenvolvidos durante décadas criam narrativas acerca do passado, utilizando como base os materiais identificados em contextos arqueológicos, entre outras fontes em diálogo. Outra característica central da narrativa lovecraftiana, nesse sentido, é a investigação. Os personagens de Lovecraft muitas vezes são levados a investigar o que está por trás dos objetos misteriosos, das paisagens de tempos longínquos, ou de outros acontecimentos incompreensíveis que tenham acontecido.

Essa investigação é apresentada, em alguns contos, de uma forma mais “arqueológica tradicional” – a saber positivista, detetivesca, semelhante às investigações policiais, muito vista nas obras de autores como Agatha Christie ou Arthur Conan Doyle, mas, também, na forma de uma investigação histórica (documental-factual), em outros contos, como o “O Caso de Charles Dexter Ward”. Ou seja, tanto as coisas, objetos que são vestígios, rastros, indícios e “provas do crime”, quanto documentos antigos buscados em arquivos estão presentes nas buscas de personagens das suas histórias de princípios do século XX. Em “O Chamado de Cthulhu” o personagem trilha um caminho investigativo acerca de vários assuntos, incluindo o que era aquela pequena estatueta e como ela veio parar nas mãos de seu parente, outro personagem da história. No conto “O Caso de Dr. Charles Dexter Ward” é narrada toda uma investigação que o protagonista faz acerca de sua genealogia, visitando documentos históricos nas bibliotecas das cidades e certidões de óbitos, além de casamentos de pessoas notáveis nas sociedades dos séculos passados.

Por mais que a narrativa de Lovecraft seja fantástica e trate da Arqueologia e da História também desta forma, existem elementos e pequenas similaridades entre as obras de Lovecraft e a *práxis* da Arqueologia que podem ser exploradas, principalmente ao levar em conta o interesse do autor por essa disciplina e pela ciência em geral.



A inspiração que Lovecraft encontrou no passado e nas ciências também pode mover a Arqueologia a buscar em seus escritos inspiração para repensar seus saberes-fazeres e, principalmente, suas formas de escrita, para além da forma acadêmica tradicional já conhecida e reproduzida. Como visto, a Arqueologia é uma ciência que possui alguns elementos em comum com a narrativa Lovecraftiana, tais como o desconhecido/mistério, a investigação e a relação com o passado, como mencionado.

No conto “O Modelo de Pickman”, por exemplo, Lovecraft trata da *memória social* para evidenciar a relatividade da realidade de um fato para pessoas que vivem em diferentes contextos. No seguinte trecho, além de explorar essa relatividade dos fatos usando o caso das Bruxas de Salem, trata brevemente da magnitude que as tradições e histórias conferem às construções antigas, dando um valor imenso a estas apesar dos maus tratos que as intempéries do tempo causam:

“Você não sabe que havia um moinho em Copp’s Hill em 1632, e que metade das ruas atuais já existiam em 1650? Posso mostrar para você casas que estão de pé há mais de dois séculos e meio; casas que presenciaram coisas que fariam uma casa moderna desabar em ruínas. O que os modernos entendem sobre a vida e as forças que se escondem por trás dela? Você diz que a bruxaria de Salem é uma mera superstição, mas eu aposto que a vó da minha bisavó teria histórias para contar. Ela morreu enforcada em Gallows Hill, sob o olhar farisaico de Cotton Mather. Mather, que o diabo o carregue, temia que alguém conseguisse escapar dessa maldita prisão de monotonia — como eu queria que alguém o tivesse enfeitado ou chupado seu sangue à noite!” (Lovecraft, 1926; in: Dolhnikof, 2014).

Nessa pequena passagem, Lovecraft explora como a memória das bruxas de Salem para os céticos da modernidade não passam de um folclore, mas que para as pessoas da época eram um fato notório (CONDÉ, 1997). É interessante notar como isso combina com as discussões mais atuais da Arqueologia, acerca da subjetividade dos indivíduos de acordo com as regiões e temporalidades em que viveram ou vivem e a relevância de suas vozes perante a autoridade do conhecimento científico.

No já citado conto “O Caso de Charles Dexter Ward”, Lovecraft narra a passagem de um dos personagens por uma cidade de arquitetura antiga e estilos específicos:

Quando cresceu, tiveram início as famosas caminhadas; primeiro com a babá levada de arrasto, e mais tarde sozinho, em um devaneio meditativo. Aventurou-se cada vez mais baixo na colina quase perpendicular, encontrando a cada vez lugares ainda mais antigos e ainda mais pitorescos da antiga cidade. Avançou com timidez desde a íngreme Jenckes Street, em meio aos barrancos e às empenas coloniais, até a esquina com a ensombrecida Benefit Street, onde avistou uma antiguidade de madeira com entradas guarnecidas de pilastras jônicas, tendo ao lado uma mansarda



pré-histórica com o resquício de antiquíssimas terras aráveis, e a enorme mansão do juiz Durfee, com os vestígios decadentes do esplendor georgiano. O lugar estava transformando-se em um cortiço; mas os titânicos olmos projetavam uma sombra restauradora sobre o lugar, e o garoto tinha por hábito continuar o passeio rumo ao sul, em meio às longas fileiras de casas do período pré-revolucionário com grandes chaminés centrais e portais em estilo clássico. [...] (Lovecraft, 1927).

É um fato que para Lovecraft, como um autor de contos e não um cientista, é muito mais fácil evitar a linguagem técnica às vezes necessária em artigos científicos. Mas talvez seja possível aprender a ganhar a atenção dos leitores fazendo uso do mistério tal como uma narrativa literária na descrição de um sítio arqueológico, por exemplo, sem o apelo ao fantástico. Vale notar que se trata de estratégia deliberada no ato de criação do texto, como qualquer outra. Só quem escreve sabe aquilo que o leitor ainda desconhece, mas que anseia por descobrir no decorrer da leitura. Nesse sentido, vale ressaltar a relevância de fazer circular um texto sempre que possível entre as pessoas envolvidas antes de sua publicação.

A linguagem literária também auxilia abordar os indivíduos que viveram em diferentes tempos como protagonistas da história e que, agora, a Arqueologia se ocupa em não apenas estudar, mas em construir narrativas que lhes tornem incluídos nas tramas sociais, a exemplo da tradição dos estudos subalternos, da “história vista de baixo” e da tradição do micro história. É possível a partir de tal abordagem criar um vínculo maior entre as pessoas do mundo contemporâneo e dessas culturas e pessoas do passado, em vez de simplesmente tratá-las como objetos de estudo. Nesse sentido, ao narrar de maneira mais literária possíveis tramas, enredos, cenários, dinâmicas do passado que hoje são imaginados pelos arqueólogos, cria-se uma possibilidade de maior ligação entre os leitores de hoje com essas experiências sociais do passado, explorando nesse movimento cada vez mais também o papel social da Arqueologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou desenvolver a relação entre Arqueologia e a escrita acadêmica inspirada e experimentada por exercícios em espaços públicos e no diálogo com a literatura. A escrita nesse sentido tem um forte caráter epistemológico, metodológico e pedagógico, para além de ser um recurso de linguagem e meio de comunicação. A escrita arqueológica, que se faz a partir das coisas de passados remotos ou recentes (ou mesmo presentes), é um exercício que graduandos podem experimentar observando: o processo de construção de narrativas como parte do processo de construção do conhecimento; formas de estruturar o texto e estratégias de linguagem pensando no(s) público(s) que se quer chegar; bem como no trabalho de leitura das



próprias fontes e suas possibilidades de leituras, interpretações, traduções, reflexões que nos permitem criar textos (sejam eles de natureza material, escrita, sonora, audiovisual, etc). Atividades as mais variadas permitem essas aproximações, como os casos trazidos do aluno Lucas Pontes e da aluna Giovana Rosa sobre a construção das suas narrativas propriamente ditas, de fazer pensar em soluções de escrita originais, como foi o caso do texto da Ana Luiza Mauler e de Marina da Silva Costa, quanto a partir da análise de obras literárias que dialogam, em parte, com algumas faces da Arqueologia, como no caso da análise da literatura Lovecraftiana a qual instigou Enrico Baggio.

REFERÊNCIAS

ABREU, Camila. **Quilombo de Maria Conga em Magé: memória, identidade e ensino de história**. Dissertação de mestrado. Profhistória. Unirio, 2016.

ABREU, Martha e Mattos, Hebe. **Passados Presentes**, Caixa de DVDs, EDUFF, 2012.

Abreu, Martha & Mattos, Hebe. A História como Performance: Jongos, Quilombos e a Memória do Tráfico Ilegal de Escravizados Africanos (2015). In: DEAN, David. (ed.) **A Companion to Public History**. Chichester (UK). John Willeys & son Ltda, 2016.

ABREU, Martha, MATTOS, Hebe & AGOSTINI, Camilla. Robert Slenes entre o passado e o presente: esperanças e recordações sobre diáspora africana e cultura negra no Rio de Janeiro. Em: RIBEIRO, Gladys Sabina et al. **Escravidão e Cultura Afrobrasileira**. Temas e problemas em torno da obra de Robert Slenes. Campinas, Editora da Unicamp, 2016.

ADOVASIO, James & PAGE, Jake. **Os Primeiros Americanos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

ALBERIONE dos Reis. “Fazer Arqueologia no Mundo Antigo é Fácil. Os Romanos Eram Especialistas em Construir Ruínas” – E a teoria? Onde está a teoria no ensino de arqueologia?”. **Habitus**, v. 12, n. 2, p.271-290, jul./dez. 2014.

AGOSTINI, Camilla. A vida social das coisas e o encantamento do mundo na África Central e diáspora. **Revista Méis**, v. 10 n. 19, p.165-186. 2011.

_____. Temporalidades e saberes inscritos em ruínas e memórias. **Vestígios**. v.13, n. 1, p. 25-50 .2019.

_____. Pedras Asas. **Revista Traços**. v. 1, n. 1. 2021.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Ciência, arte e metáfora na poesia de Augusto dos Anjos**. 1 ed. São Paulo: Navegar Editora, 2004.

ARJUN, Appadurai (org.) **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.



BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter (ed.) **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985 (1993).

BELL, James A. Anarchy and Archaeology. In: PREUCCEL, Robert W. **Processual and postprocessual archaeologies**: Multiple's ways of knowing the past. 0 ed. Carbondale (USA): Southern Illinois University, 1991. pp.71-80.

BEZERRA, Marcia. Arqueologia, Turismo e Comunidades Locais: reflexões de uma Turista [arqueóloga] Aprendiz. In: Figueiredo, S.L.; Pereira, E.; Bezerra, M. (orgs.) **Turismo e Gestão do Patrimônio Arqueológico**. 1 ed. Belém: Iphan, 2012, pp.149-164.

BEZERRA, Marcia. **Teto e Afeto**: Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. Belém: GKNoronha, 2017.

BONETTI, Alinne & SORAYA, Fleischer (org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: EDUNISC, 2007.

BRAGA Jr., Amaro Xavier. Quadrinhos Independentes: usando imagens para contar muito mais que história. **História, Imagem e Narrativas**. n. 14, p. 1-23 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues & STRECK, Danilo Romeu. *Pesquisa Participante*. O saber da partilha. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Katina Regina Felipini (org.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento**: propostas e reflexões museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

CABRAL, Mariana Petry. E se todos fossemos arqueólogos? Experiências na Terra Indígena Wajãpi. **Anuário Antropológico Brasília**: UnB, v. 39, n. 2), 2014a.

CABRAL, Mariana Petry. De cacos, pedras moles e outras marcas: percursos de uma arqueologia não-qualificada. **Revista de Antropologia** (Online), v. 6, n. 2, 2014b.

CASTAÑEDA, Quetzil E. The past as transcultural space: using ethnographic installation in the study of archaeology. **Public Archaeology: archaeological ethnographies**, vol. 8, n. 2-3, p. 262-282, 2009.

CASTAÑEDA, Quetzil E. In search of adventure: Simmel and similar travels among ruins. **Anthropological Quaterly**, v. 90, n. 4, p.931-971, 2017.

CHAGAS, Mário. Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio. **Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 1, p. 136-146, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney. Apresentação. **Revista de História Social**, n.22-23, p. 7-15, 2012.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba Feiticeira Negra**. 1 ed. São Paulo: Rocco, 1997.



CORNWELL, Bernard. **O Último Reino**. 1 ed. São Paulo: Editora Record, 2006.

COSTA, Fernando Moraes da. Se pouco se diz sobre o som, quem fala sobre o silêncio nos filmes? **Revista Gragoata**. v. 9, n.16, p. 105-115, 2004.

COSTA, Marina da Silva. **Da pedra ao pó: granito, megalitismo e cerâmica no Amapá Pré-Colonial** (salpicado de ficção contemporânea das Minas Gerais). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FEYERABEND Paul. **A ciência em uma sociedade livre**. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro (orgs.). **A alma das coisas: patrimônios, materialidades e ressonância**. 1 ed. Rio de Janeiro: MauadX/Faperj, 2013.

GONZALEZ-RUIBAL Alfredo. Hacia Otra Arqueología: diez propuestas. **Complutum**, v.23, n. 2, p. 103-116 2012.

GONZALEZ-RUIBAL, Alfredo. Malos nativos. Una crítica de las arqueologías indígenas y poscoloniales. **Revista de Arqueología**, v. 27, n. 2, p. 47-63, 2014.

GRINGBERG, Keila e ALMEIDA, Anita. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **História Hoje**. vol. 1, n. 1, pp.315-326, 2012.

HAMILAKIS, Yannis e THEOU, Efthimis. Enacted multitemporality: the archaeological site as a shared, performative space. In: GONZALEZ-RUIBAL, Alfredo. **Reclaiming Archaeology**. Beyond the tropes of modernity. Routledge, 2013, pp.181-194.

HARLAN, Mark E. Black and White Literature, Grey Scholars. **Journal of the World Archaeological Congress**, vol. 6, n. 2, p. 270-288, 2010.

HAVISER, Jay B. Slaveryland: A new genre of African heritage abuse. **Public Archaeology**, vol. 4, n. 1, p. 27-34, 2005.

HOLTORF, Cornelius. Notes on the life history of a pot sherd. In: BUCHLI, Victor (org.). **Material Culture**. Critical concepts in social sciences. London and New York: Routledge, 2004, pp.49-71.

HOUELLEBECQ, Michel. **H.P. Lovecraft: contra el mundo, contra la vida**. Madrid, Espanha. Siruela, 2006.



JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JACQ, Christian. **Ramsés: O filho da Luz**. 32 ed. São Paulo: Bertrand, 1998.

JOYCE, Rosemary. Introducing the first voice. In: JOYCE, Rosemary. **The languages of Archaeology**. Oxford: Blackwell, 2002, pp.4-17.

JOHNSON, Matthew. **Teoría arqueológica: Una introducción**. 1 ed. Barcelona. Ariel, S.A., 2000.

JUSKA, Darlene. **The writing of ethnography: Magical Realism and Michael Taussig**. *JCRT*. vol.5 (1) 2003.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.) **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008, pp.89-121.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

_____. **A vida não é útil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LARROSSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

LEITE, Caroline Alciones de O.; OLIVEIRA, Luiz Sérgio. Arte, educação e poder: discursos ocultos nas narrativas de museus brasileiros de arte. **Ouvirouver**, v.1, n. 2, p. 462-467, 2015.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOPES, Reinaldo José. **1499: O Brasil Antes de Cabral**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora HarperCollins, 2017.

LOVECRAFT, Howard Philips. O Chamado de Cthulhu. (1928) In: DOLHNIKOF, L. (Org.) **Os Melhores Contos de H.P. Lovecraft**. 1 ed. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

_____. Dagon. (1917). In: DOLHNIKOF, L. (Org.) **Os Melhores Contos de H.P. Lovecraft**. 1 ed. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

_____. O Caso de Charles Dexter Ward. (1927). In: DOLHNIKOF, L. (Org.) **Os Melhores Contos de H.P. Lovecraft**. 1 ed. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

_____. Os Ratos nas Paredes (1923). In: DOLHNIKOF, L. (Org.) **Os Melhores Contos de H.P. Lovecraft**. 1 ed. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

_____. O Modelo de Pickman (1926). In: DOLHNIKOF, L. (Org.) **Os Melhores Contos de H.P. Lovecraft**. 1 ed. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan; MACEDO, Géssika Souza; PAES, Evanilza Lopes de Castro; dos SANTOS, Carlos Eduardo Ferreira. As arqueologias de São Braz do Piauí: apontamentos



iniciais sobre as narrativas e usos dos bens arqueológicos no presente. **Cadernos do Lepaarq**, v. 17, n. 34, p. 164-182 2020.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLION, Tara. 2005. Developing an Aboriginal archaeology: receiving gifts from the White Buffalo Calf Woman. In: SMITH, CLAIRE & WOBST, Martin, H. **Indigenous Archaeologies: decolonizing theory and practice**. Abingdon / New York: Routledge. pp: 39-51.

MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. pp. 1-15.

MORAES, Irislane Pereira de. **Do tempo dos Pretos d'antes aos povos do Aproaga**: patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no Vale do Rio Capim (PA). Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade do Paraná, Paraná, 2012.

MORALES, Martha Helena Loeblein Becker. **Fragmentos de História**: passados possíveis no discurso da arqueologia histórica. Tese. (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2014.

O'DONNEL, Júlia e Pereira; de MIRANDA, Leonardo A. Cultura em movimento: Natalie Davis entre a antropologia e a história social. **História Unisinos**, v, 20, n. 2, p. 131-142, 2016.

PAIVA, Eduardo França. Celebrando a alforria: amuletos e práticas culturais entre as mulheres negras e mestiças do Brasil. In: István Jancsó, Iris Kantor (org.). **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. 1 ed. São Paulo: Fapesp, 2001.

PELLINI, José R. *Os Sacerdotes da Verdade*: ética e o conceito de registro arqueológico. **Habitus**, v.12, n.2, p.291-306, 2014.

PELLINI, José Roberto. Arqueologia com sentidos: uma introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista de Arqueologia Pública**, 2015, p.1-12.

PELLINI, José Roberto; ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melissa. Introduction. Abre tu sentidos. In: PELLINI, José Roberto; ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melissa (Eds). **Sentidos Indisciplinados**. Arqueología, Sensorialidades e Narrativas Alternativas. Madrid: J.A.S. Arqueologia, 2017, pp.1-12.

PEREIRA, Daiane. O "Roubo das Urnas": A Relação do Patrimônio Arqueológico Salvaguardado e os Coletivos Humanos. **Habitus** v.17, n. 1, p. 39-52 2019.

PETROLA, José. **Sertão hoje**: o que é literatura regional? Blog Bar do Petrola. Publicado em 16 de fevereiro, 2021.

PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. O avesso do mito: escravidão e relações de dependência em O Guarani. **Literatura e Sociedade**, v.24, n. 29, p.182-203, 2019.

POLONI, Rita Juliana Soares; INFANTINI, Leandro; FERREIRA, Lucio Menezes; ALVES, Aluísio Gomes; MUNARETTO, Sara Teixeira. Uma perspectiva arqueológica sobre patrimônio negativo,



destruição e ressignificação patrimonial. In: KNACK, Eduardo Roberto Jordão; GARCIA, Franciele; de FRAGA, Hilda Jaqueline; SANTOS, Maria Weber (Org). **História Cultural, Memórias e Resistências**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020, p. 199-216.

PRAETZELLIS, Adrian. Introduction: why every archaeologist should tell stories once in a while. **Historical Archaeology**, v. 32, n. 1, p. 1-3, 1998.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. 1ed. São Paulo: EDUSC, 1999.

RATHJE, William L. In praise of archaeology: Le Projet du Garbage. In: FERGUNSON, Leland (ed.). **Historical Archaeology and the importance of material things**. Charleston: SHA, 1977.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 15-38.

RIBEIRO, Loredana. Maria, Párvoa exposta, Domingos, padre imaculado. Ensaio de Arqueologia Micro Histórica. **Vestígios**, v. 6 n. 2, p. 131-180, 2012.

ROCA, Andrea. Los objetos de las otras em colecciones del passado: un análisis de los usos del tempo em um museo etnográfico. **Arqueologia Sul-Americana**, v. 4, n. 2, 2008, pp.

ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. Indícios, leituras indiciárias, estratégia indiciária e saberes populares. Uma hipótese sobre os limites da racionalidade burguesa moderna. In: **Micro-história italiana – modo de uso**. Londrina: Eduel, 2012.

SENATORE, Maria Ximena & ZARANKIN, Andrés. Against the Domain of Master Narratives: Archaeology and Antarctic History. In: GNECCO, Cristóbal. & LANGEBAEK, Carl (eds.) **Against Typological Tyranny in Archaeology: A South American Perspective**. Springer, 2013, p. 121-132.

SCHAAN, Denise Pahl & ALVES, Daiana Travassos (orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. 1 ed. Belém: Gráfica Supercores, 2015.

SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. **Revista Brasileira de História**, v. 8, n. 16, p. 189-203, mar./ago. 1988.

SLENES, Robert W. **Bávaros e Bakongo na ‘habitação de negros’**: Johann Moritz Rugendas e a invenção do povo brasileiro. Trabalho em elaboração, mimeografado, versão 1995.

SOUZA, Josiane Nazaré Peçanha. **Nossos passos vêm de longe**: o ensino de história para a construção de uma educação antirracista e decolonial na educação infantil. Dissertação de Mestrado. Profhistória – UERJ, 2018.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira & GOMES, Flávio dos Santos. Rebelião, ferreiros e cultura material: transcrições escondidas e a materialidade das resistências nas fazendas de café do Vale do Paraíba. In: SANTOS, Vanicléia Silva; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; HOLL, Augustin (org.). **Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana**. 1 ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.



THOMPSON, Edward Palmer. Costumes e Cultura. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**. 1 ed. São Paulo: Companhia. das letras, 1998.

ZARANKIN, Andrés. “A persistência da memória” ... histórias não lineares de arqueólogos e foqueiros na Antártica. **Revista de Arqueologia**, v. 27, n. 2, p. 35-46 2014.

ZARANKIN, Andrés. e SENATORE, Maria Ximena. Contos, “peixe grande” e arqueologia: repensando o caso da Antartida. In: MORALES, W; MOI, F. (orgs) **Tempos Ancestrais**. São Paulo: AnnaBlume, 2013, p. 281-301

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento. **Youtube**. Disponível: <https://youtu.be/WC24b3nzp98>

WHITE, Hayden. An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers). **Rethinking History**, v. 4, n. 3, p. 391-406, 2000.

E se a gente fosse índio? Entrevistados: NEVES, Eduardo Góes; KRENAK, Ailton; MATOS, Marcos de Almeida; Pugliesi, Francisco. Entrevistador: CHIAVERINI, Tomás. **Rádio Escafandro**, ep. 29, junho de 2020. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1f1IH7ZyWwMDFfj9gQ6qrA?si=qYnW6KfpSvCZI_lacONWAA